

A ANIMAÇÃO MISSIONÁRIA E PASTORAL INDIGENISTA

**A animação da dimensão missionária
da Igreja local desenvolvida pelos xaverianos
da Pastoral Indigenista no Brasil (1972-1999)**

Walter Taini, sx

RESUMO: O XVI capítulo geral da nossa congregação pede para que a dimensão da animação missionária caracterize sempre mais a presença e a atuação dos missionários xaverianos nos países onde a Igreja já tem uma presença relevante. A descrição de algumas etapas da atividade dos xaverianos junto ao povo indígena Kayapó na Prelazia do Xingu pretende ser uma concretização de animação da dimensão missionária da Igreja local. Nesta atuação detectam-se duas dimensões que a primeira vista parecem se contrapor, no entanto um olhar mais profundo mostra sua complementaridade. De um lado uma inserção na vida de uma comunidade indígena aproximou os xaverianos ao mundo dos Kayapó do outro, a dedicação para que a Igreja do Xingu vivesse sua dimensão missionária assumindo nas suas prioridades pastorais a atividade junto aos povos indígenas. Esta abertura pastoral trazia consigo os grandes desafios que nasciam do encontro com povos de outra cultura e religião morando no mesmo território.

ABSTRACT: The XVI General Chapter of our congregation asks the dimension of missionary animation to feature ever more the presence and action of the Xaverian Missionaries in countries where the Church already has a significant presence. The description of some steps of the activity of the Xaverian along the Kayapó indigenous people in the Prelature of Xingu intends to be an embodiment of animating the missionary dimension of the local Church. In this procedure, two dimensions are detected. At first sight they seem to oppose each other, but a deeper look shows their complementarity. On one side an insertion in the life of an indigenous community approached the Xaverian to the world of the Kayapó, and on the other side the dedication so that the Church of Xingu lived its missionary dimension, assuming in its pastoral priorities the activity with indigenous peoples. This pastoral opening brought with it major challenges that were born from the encounter with people from another culture and religion living in the same territory.

INTRODUÇÃO

O último Capítulo geral afirmou que a verdadeira animação missionária está no acompanhamento das comunidades cristãs para que sintam a urgência de tornarem-se missionárias (Cfr. “Il nostro oggi della missione”, n.38). Ademais, os padres capitulares exortaram-nos a animar as comunidades, que a Igreja local nos confia, para que vivam a dimensão missionária abrindo-se ao mundo das pessoas de outras religiões presentes no território (Cfr “Il nostro oggi della missione”, n.39).

Este ensaio se propõe apresentar os passos dados pelos nossos confrades que atuaram junto aos povos indígenas, no caminho da animação da dimensão missionária da Igreja local. O período de tempo considerado compreende desde os primeiros anos da década de setenta, quando os primeiros xaverianos iam para o Xingu para ajudar no ministério durante os períodos mais significativos do ano litúrgico, e 1994, data da terceira assembleia do povo de Deus da Prelazia do Xingu.

1. LEMBRANDO ALGUNS EVENTOS NA HISTÓRIA DA IGREJA NO BRASIL

Para contextualizar o caminho dos xaverianos envolvidos na pastoral indígena, precisa evidenciar alguns eventos que marcaram a história pós-conciliar da Igreja brasileira.

Recentemente várias publicações foram lançadas lembrando a celebração dos 50 anos do Concílio Vaticano II. A valorização da colegialidade dos bispos e a importância do planejamento de conjunto da atividade da Igreja foram duas temáticas que marcaram o espírito de renovação eclesial do Concílio. Estes dois aspectos eclesiais caracterizaram também a história da Igreja no Brasil.

Até a criação da CNBB (1952) foram várias as ocasiões em que o episcopado brasileiro se articulou para atuar de maneira colegial. Geralmente isso acontecia nos momentos de maior crise ou nos anos onde havia uma transição de uma situação a outra na vida sócio-política da sociedade brasileira. Mesmo que de ma-

neira episódica, essas articulações dos bispos não deixassem de constituir momentos importantes de comunhão e de corresponsabilidade pastoral.

Lembramos dois bispos que favoreceram este clima de colegialidade entre o bispado brasileiro.

Dom Antonio de Macedo Costa (1830-1891), Arcebispo de Belém de 1861 até 1890, ano em que foi nomeado Arcebispo da Bahia e primaz da Igreja no Brasil. Sua atuação se deu especialmente em três campos: A reforma da Igreja no Brasil; a defesa da liberdade da Igreja frente às intromissões do Governo na época do Império (1822-1889) e o empenho em construir uma sólida união e articulação do episcopado.

Outra figura eclesial que na sua época representou toda a Igreja brasileira foi dom Sebastião Leme (1882-1942), cardeal do Rio de Janeiro. Desde 1922 ele guiou a Igreja Católica no Brasil seguindo duas principais direções: primeiro, no sentido do fortalecimento da própria instituição católica mediante uma melhor organização dos seus quadros; segundo, procurando impor à sociedade brasileira, mediante a colaboração do poder político, os valores éticos e religiosos que haviam caracterizado os regimes de cristandade. Praticamente, ele representava a Igreja no Brasil e após sua morte, a Igreja católica experimentou um vazio de liderança e uma profunda descentralização na qual cada diocese seguia o seu próprio rumo.

Nos anos que precederam o Concílio Vaticano II, a Igreja no Brasil se caracterizava por certo imobilismo até a fundação da Conferência Nacional dos Bispos (CNBB-1952) e dos Religiosos (CRB-1954).

A década de cinquenta começou no Brasil sob o impacto das grandes mudanças ocorridas a nível internacional depois da 2ª guerra Mundial. Surgiram novos desafios históricos: a luta pela independência de países que viviam ainda em regime de colônias, a aspiração das nações pobres ao desenvolvimento e a nova reorganização do mundo ao redor de dois blocos políticos (Estados Unidos e Rússia).

No Brasil acelerou-se o processo de democratização e o País se aproximou mais aos EUA. Na Igreja, os leigos se organizaram em grupos que se engajaram num compromisso de renovação da vida eclesial.

A colaboração dos leigos na assessoria dos bispos foi outro elemento importante da nova mentalidade que se formava com a fundação da CNBB. A Ação Católica, através da sua divisão em setores especializados, foi o movimento que contribuiu de forma relevante para romper com a rigidez da Igreja e favoreceu uma abertura de visão sobre as questões que afetavam a sociedade brasileira. Outro movimento de leigos que contribuiu para a preparação da Igreja do Brasil em acolher a planificação pastoral, foi o Movimento para um Mundo Melhor (MMM).

Naqueles anos, o anseio de renovação da Igreja do Brasil levou a uma percepção clara da necessidade de avançar no exercício da corresponsabilidade e da comunhão entre os bispos encontrando um sistema institucionalizado que favorecesse o processo de colegialidade do episcopado brasileiro.

Foi nesse contexto que se entende a persistente preocupação de alguns preladados, como dom Helder, de unir os bispos do Brasil numa Conferência Episcopal dotando a Igreja no Brasil de uma estrutura organizativa apta a enfrentar as mudadas situações sócio-eclesiais de âmbito nacional.

Ao lado da CNBB, também a Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) teve um papel importante para a abertura da Igreja do Brasil. A fundação da CRB contribuiu para desencadear um processo de renovação dos institutos religiosos que levou a uma procura de uma colaboração com a própria CNBB nos projetos pastorais.

A repercussão do Concílio Vaticano II sobre a Igreja na América Latina foi profunda. Se de um lado não se pode dizer que os bispos latino-americanos foram “pais” do Concílio, do outro lado saíram de Roma como “filhos do Concílio”, isto é sintonizados com ele e dispostos a implementá-lo nas suas Igrejas locais. Na fidelidade às intuições e aos eixos fundamentais do

Concílio, com Medellín os bispos da América Latina operaram uma contextualização do Concílio Vaticano II. Em Medellín, a Igreja latino-americana desencadeou um processo de formação de um rosto e de uma palavra própria.

Esse novo espírito conciliar de renovação da Igreja perpassou todas as dimensões da Igreja deste continente. No Brasil, essa renovação afetou também a atividade pastoral junto às populações indígenas dando início a um processo de transformação da prática dos missionários envolvidos neste campo.

Até a década de 1970 a pastoral junto aos povos indígenas era exclusivamente uma responsabilidade relegada às ordens e congregações religiosas. Os planos de pastoral dos anos sessenta elaborados pela CNBB, que contribuíram para renovação da Igreja no Brasil, pouco influíram na pastoral dos missionários que atuavam junto aos povos indígenas.

As “missões” (aldeias indígenas com a presença dos missionários), localizadas especialmente nas Prelazias da região amazônica e administradas, na sua maioria, por um clero estrangeiro, mesmo crescendo em número, apresentavam pouca renovação na sua prática pastoral e nenhuma articulação entre elas. De modo geral, a atividade pastoral da Igreja junto aos índios denominava-se “catequese aos índios” e visava a integração dos povos indígenas na sociedade nacional.

No entanto, ao lado da prática missionária tradicional ocorreram experiências inovadoras até anteriores ao Concílio Vaticano II. Alguns missionários, mesmo orientados por uma teologia pastoral tradicional, mostraram mais cuidados nos contatos com os índios e com sua cultura. Por exemplo, os padres César Albisetti e Jaime Venturelli que na década dos anos sessenta elaboraram a Enciclopédia Bororo, relevante trabalho etnográfico. Na década dos anos cinquenta, na região do Alto Xingu, destacou-se a figura do padre Anton Lukesch pelos seus estudos sobre a mitologia do povo Kayapó. No sul do estado do Pará, o dominicano frei Raymond Caron atuou junto aos Kayapó-Xikrin do rio Cateté entre os anos 1965 e 1970. Em 1952, chegavam na aldeia Tapirapé, no Nordeste

do Mato Grosso, as irmãs de Jesus, congregação de fundação francesa e inspirada na espiritualidade de Charles de Foucauld.

Estas experiências missionárias constituíram uma exceção no quadro geral da presença da Igreja junto aos povos indígenas da América Latina. Obras de assistência, orfanatos, estruturas para a educação e a saúde caracterizaram as atividades dos missionários nas aldeias.

Esta postura provocou uma reação dos antropólogos que, reunidos para o Simpósio sobre a fricção interétnica na América do Sul, em janeiro de 1971, em Barbados, redigiram uma declaração acusando a prática neo-colonizadora das Igrejas e pedindo para que as Igrejas parassem suas atividades e apoiassem o protagonismo dos povos indígenas na construção de sua história e suas organizações.

O Concílio Vaticano II (1962-1965) e sua contextualização na América Latina operada na segunda Conferência Geral do Episcopado latino-americano em Medellín (1968) reforçaram o processo de reflexão das práticas missionárias.

Neste contexto de avaliação e renovação da pastoral da Igreja, realizaram-se vários encontros missionários na América Latina. Os missionários, respondendo às questões levantadas pelos antropólogos na Declaração de Barbados I, reconheceram que a Igreja na sua história foi conivente com práticas opressoras e que na questão étnica, em muitos casos a ação pastoral obedeceu mais a critérios raciais que aos do Evangelho. Nestes encontros afirmou-se a importância do apoio da Igreja às organizações indígenas que estavam articulando-se em vários países da América Latina.

No Brasil, a pastoral indigenista articulou-se a partir das experiências que aconteciam nos países latino-americanos onde os povos indígenas constituem uma porção expressiva da população nacional.

Em abril de 1972, em Brasília, a CNBB organizou o Terceiro Encontro de Estudos sobre a Pastoral Indigenista. Dom Ivo Lorscheider, secretário-geral da CNBB, almejava que a Igreja assumisse uma posição definida especialmente a respeito da tra-

mitação, no Congresso, do projeto de Lei n.2328 referente ao Estatuto do Índio. Outras questões demandavam com urgência uma resposta da Igreja: as denúncias feitas pelos antropólogos na Declaração de Barbados I; a necessidade de uma assessoria teológica, jurídica e antropológica para os missionários que atuavam entre as populações indígenas e uma tomada de posição frente às denúncia de genocídio dos índios no País. Foi nesse encontro que se concretizou a proposta de criar um órgão para coordenar e assessorar a nível nacional a atividade missionária junto aos povos indígenas. Nasceu, assim, o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), integrado por missionários e bispos, ligado oficiosamente à CNBB.

O envolvimento dos missionários xaverianos da Região da Amazônia na questão indígena deu-se neste contexto dos primeiros anos da fundação do Cimi. Com efeito, foi no começo dos anos setenta que alguns deles foram enviados para a paróquia de São Félix do Xingu onde se localizavam varias aldeias Kayapó.

2. OS MISSIONÁRIOS XAVERIANOS NA PASTORAL INDIGENISTA

Na Amazônia, a amizade entre os bispos xaverianos da Prelazia de Abaeté do Tocantins, dom João Gazza e depois dom Ângelo Frosi, com dom Eurico, bispo da Prelazia do Xingu, foi a base de uma cooperação que se reforçará em 1978, quando a recém-formada Região xaveriana da Amazônia no seu primeiro capítulo assumiu o compromisso do envio de missionários no Xingu. A responsabilidade pastoral da paróquia de São Félix e da capela do Perpétuo Socorro, na cidade de Altamira deram oportunidade aos xaverianos de aproximarem-se ao mundo dos povos indígenas estabelecidos no território que formava a Prelazia do Xingu, de uma maneira especial com os Kayapó.

A formação de agentes para a pastoral indigenista foi uma das preocupações pastorais da Prelazia do Xingu. Dom Eurico, numa reflexão, mesmo valorizando o entusiasmo dos missionários, questionava-se sobre o nível de preparação desses religiosos

e almejava que tivessem um profundo conhecimento das ciências sociais como a etnologia e a antropologia.

Os padres xaverianos que assumiram a responsabilidade da paróquia de São Felix mostraram um interesse especial pela pastoral indigenista no Alto Xingu. Eles perceberam logo a importância de uma preparação específica junto a um entrosamento com a caminhada do Cimi, seja a nível Nacional como Regional.

A participação em cursos para agentes de pastoral indigenista e a Assembleias do Cimi facilitaram o entrosamento dos xaverianos com a caminhada da Igreja no Brasil nesse campo pastoral.

Em 1979, a pastoral indigenista entrou no planejamento pastoral da paróquia de São Félix como prioridade. O estudo sistemático da língua e da cultura Kayapó junto a uma maior frequência das visitas nas aldeias foram os meios que os xaverianos programaram durante o planejamento pastoral para implementar esta prioridade.

A aproximação dos xaverianos do mundo Kayapó facilitou a sensibilização dos agentes de pastoral da Prelazia do Xingu a respeito da questão indígena. Em novembro de 1979, por exemplo, durante a assembleia anual de pastoral, foi redigida uma carta para o povo de Deus na qual a Igreja do Xingu manifestava publicamente a preocupação com a situação de marginalização dos povos indígenas da região. Era o ano em que os bispos da América Latina se reuniram em Puebla. O documento final de Puebla apontava as situações de extrema pobreza do povo no continente e exortava a Igreja a reconhecer nas pessoas vivendo naquelas condições as características do Cristo Sofredor (DP 31-39). A prioridade dada à pastoral indigenista representou um reconhecimento que na região do Alto Xingu “os mais pobres dentre os pobres” (DP 34) eram os índios.

Na conclusão do relatório das atividades desenvolvidas até o ano 1980 junto ao povo indígena Kayapó, os xaverianos reafirmaram ao bispo dom Eurico sua intenção de um envolvimento mais radical na pastoral indigenista. No entanto, enquanto o

missionário era bem acolhido pelos Kayapó, o povo de São Félix do Xingu tinha uma atitude não muito amigável para com os índios. Várias pessoas daquele povoado tiveram parentes mortos nos conflitos com os Kayapó num passado não muito distante e estas feridas provavelmente custavam a sarar. Os padres procuraram organizar encontros com as pessoas das comunidades cristãs para mostrar através de elaboração de subsídios audiovisuais os valores positivos da cultura Kayapó.

As mudanças da realidade social do Alto Xingu exigiam da Prelazia a formação de uma equipe liberada integralmente para acompanhar a questão indígena. Com efeito, em 1982 foi criada a equipe da pastoral indigenista da Prelazia do Xingu, sendo nomeado coordenador o padre xaveriano Renato Trevisan o qual era, contemporaneamente, vigário cooperador da paróquia de São Félix.

Em 1983, dom Erwin Krautler, eleito presidente do Cimi, redigiu o documento “Nosso compromisso com os povos indígenas da Prelazia do Xingu” onde delineou os critérios e os princípios que deviam nortear a pastoral indigenista na Igreja do Xingu. Neste escrito constou, também, a decisão de formar duas equipes liberadas em tempo integral para a pastoral indigenista. A primeira, formada por duas religiosas da congregação das irmãs de Jesus, continuava sua presença entre o povo Asurini da aldeia Koatinemo. A segunda, formada pelos padres xaverianos Renato Trevisan e Salvador Saiu, atendia prioritariamente o povo Kayapó no Alto Xingu. Uma terceira equipe, formada pelos padres dos missionários do Preciosíssimo Sangue Frederico Tschol e Lucas Rodriguez Fuertes mantinha contatos periódicos com os índios Xikrin e os Araweté.

As equipes totalmente liberadas para a pastoral indigenista foram um sinal que marcou o início de uma nova época da história da pastoral indigenista na Prelazia do Xingu. Essa atividade caracterizou-se pela tensão entre a dimensão da inserção dos missionários nas comunidades indígenas e a animação e conscientização das comunidades cristãs da Prelazia, sobre as questões que afetavam os índios do Xingu.

3. OS XAVERIANOS DA PASTORAL INDIGENISTA NA ANIMAÇÃO MISSIONÁRIA DA IGREJA LOCAL

A necessidade da conscientização das comunidades cristãs a respeito da causa indígena acompanhou a história da Prelazia do Xingu desde sua fundação. Num primeiro momento, até os animadores de comunidades e catequistas da paróquia de São Félix encontraram dificuldades em entender a escolha pastoral de criar uma equipe de pastoral indigenista. Era difícil para o povo católico de São Felix aceitar que dois padres iam morar numa pequena aldeia de índios considerados “sem religião” deixando de cuidar das paróquias da região que estavam experimentando um notável e preocupante crescimento demográfico.

Dada a imensa extensão territorial da Prelazia do Xingu, tornava-se urgente articular atividades de formação para que as comunidades não ficassem alheias à caminhada da Igreja. Em 1981, o Centro de Pastoral da Prelazia publicou um subsídio para os agentes de pastoral, para facilitar o estudo dos documentos de Puebla. No mesmo ano, outro subsídio apresentou, em forma didática, as diretrizes gerais da ação pastoral da Igreja no Brasil. No ano seguinte, foi elaborada uma terceira cartilha que ilustrou as linhas da ação pastoral da Prelazia contextualizando as diretrizes da CNBB à realidade local. Este processo de formação favoreceu a participação mais ativa dos leigos na vida da Igreja do Xingu e teve seu ponto mais expressivo em 1984, na celebração da primeira Assembleia do Povo de Deus da Prelazia do Xingu (APDX). Este evento quinquenal tornou-se o foro no qual os representantes das comunidades da Prelazia refletiam, avaliavam e escolhiam as diretrizes pastorais.

As APDX registraram uma gradual participação dos povos indígenas e manifestaram a progressiva conscientização das comunidades cristãs da Igreja do Xingu a respeito das suas responsabilidades no campo da problemática indígena.

A primeira APDX (1984) aconteceu durante a celebração dos cinquenta anos de fundação da Prelazia. A assembleia contava com

a participação de 97 leigos, 31 irmãs, 2 irmãos e do presbitério. A equipe indigenista estava representada pelas duas religiosas das irmãszinhas de Jesus e por quatro padres. A ausência dos representantes dos povos indígenas indicou que tinha ainda muito caminho a ser percorrido pela pastoral indigenista no rumo da animação missionária da Igreja do Xingu. No entanto, a pastoral indigenista foi uma das prioridades pastorais escolhida pela assembleia.

Dom Erwin apresentando a prioridade da pastoral indigenista apontou para dois aspectos da ação missionária junto aos povos indígenas: a dimensão da inserção dos missionários nas aldeias e a da conscientização:

A Igreja do Xingu olha hoje estes povos com muito carinho e reconhece neles os filhos queridos de Deus e, portanto nossos irmãos. Os nossos missionários se fazem presentes no meio deles numa dimensão de solidariedade evangélica. A pastoral indigenista, porém, destina-se também à sociedade envolvente que quer sensibilizar e conquistar pela causa indígena.

A Igreja do Xingu na primeira APDX não somente confirmou a linha pastoral assumida pela equipe indigenista, como também, manifestou seu apoio à ação de conscientização junto às paróquias do Xingu a respeito da questão indígena. Com efeito, nos anos seguintes registrou-se um multiplicar-se em toda a Prelazia de encontros de formação para as lideranças cristãs oferecidos pelos missionários da equipe indigenista.

Para facilitar a atividade de conscientização da igreja local sobre sua missionariedade e sua responsabilidade em assumir a pastoral indigenista, padre Renato Trevisan elaborou subsídios didáticos.

Em 1985, a comunidade dos xaverianos que vivia na aldeia Kayapò de Kikretum, definiu sua atividade pastoral junto com a sociedade envolvente nos seguintes termos: “Fora das aldeias, através da realização de encontros (Semana do Índio), publicação de cartilhas e slides, presença nas comunidades da Prelazia, nas escolas, tenta-se criar uma opinião crítica e um crescente interesse sobre a questão indígena brasileira e do Xingu em particular”.

A multiplicação dos pedidos para encontros e cursos a respeito da questão indígena despertou na Prelazia do Xingu a urgência de organizar uma secretaria que articulasse essas atividades. A partir do segundo semestre de 1988 um leigo tornou-se membro da equipe da pastoral indigenista e desenvolvendo atividades de apoio, especialmente acompanhando a presença dos índios na cidade de Altamira. A nova secretaria tinha como finalidade oferecer uma maior assistência e acompanhamento às CEBs e às paróquias a respeito da problemática indígena, além de providenciar material de arquivo, de divulgação e de formação.

Na segunda APDX, a participação de vinte índios, representantes de cinco povos indígenas (Kayapó, Arara, Asurini, Araweté e Parakanã) constituiu uma das características marcantes do evento. A presença dos povos indígenas sinalizou os passos do processo de amadurecimento e de abertura missionária da Igreja do Xingu:

A II Assembleia do Povo de Deus viu finalmente concretizada a presença dos índios nos seus trabalhos, não só porque se falou deles e de suas vitórias - na Assembleia Nacional Constituinte, encerrada em 5/10/1988; no primeiro Encontro dos Povos Indígenas do Xingu (Altamira 20-24/2/1989); na luta pela suspensão do financiamento internacional para a construção das barragens do Xingu - mas porque eles estavam presentes fisicamente com 20 (vinte) delegados de 5 (cinco) povos diferentes e tiveram oportunidade de falar às 500 pessoas da Assembleia do seu sofrimento, suas lutas e esperanças. A resposta da Assembleia se concretizou no compromisso assumido como destaque pastoral para os próximos 5 (cinco) anos, da pastoral indigenista.

Durante a segunda APDX, os xaverianos da Pastoral indigenista apresentaram alguns projetos para fortalecer a atuação da Igreja do Xingu junto aos povos indígenas. Entre eles, destacaram-se as propostas de aumentar o número das comunidades de missionários inseridas nas aldeias dando uma maior atenção aos povos Parakanã, Araweté e Arara, cujos territórios vinham sendo objetos de invasões pelas empresas madeireiras e de promover a participação das lideranças indígenas nas suas organizações.

O Conselho de Pastoral, responsável pelo encaminhamento das decisões tomadas na segunda APDX, reuniu-se em abril de 1990 e estudou a metodologia adequada para levar as instâncias da assembleia para as comunidades. A respeito da pastoral indigenista foi salientado que ela devia ser assumida como parte integrante do plano geral da Pastoral da Prelazia e que em cada paróquia tivesse uma equipe para articular as iniciativas neste campo pastoral.

Em 1994, em Altamira, no sexagésimo aniversário de fundação da Prelazia, quase quinhentas pessoas participaram da terceira APDX, entre elas estavam os representantes dos povos indígenas Arara, Araweté, Asurini, Kayapó e Parakanã.

Na avaliação das prioridades pastorais, foi salientado que as paróquias estavam incluindo no seu plano pastoral uma atividade de conscientização das comunidades à causa indígena como foi almejado na segunda APDX.

A terceira APDX reafirmou o compromisso da Igreja do Xingu com a defesa dos direitos dos povos indígenas. Na carta pastoral na qual o bispo do Xingu resumiu os trabalhos e as decisões da terceira APDX, foram apontados os avanços dados pela pastoral indigenista na Prelazia. No entanto, dom Erwin afirmou que nas suas visitas às comunidades cristãs percebeu ainda a presença de sinais de aversão aos povos indígenas. Nessa carta pastoral dom Erwin exortou as comunidades cristãs a solidarizar-se com os índios na defesa de sua vida e de seus direitos, manifestando concretamente a dedicação à causa indígena que caracterizou a prática missionária da Igreja do Xingu desde sua fundação.

4. OS XAVERIANOS NO CONTEXTO DA PASTORAL INDIGENISTA NO BRASIL E NA AMÉRICA LATINA

Os xaverianos, mesmo vivendo numa remota aldeia do Alto Xingu, não se isolaram, mas acompanharam a caminhada da pastoral indigenista da Igreja no Brasil como também da Igreja na América Latina.

Em 1986, Trevisan, representando a Prelazia do Xingu, participou do curso ecumênico de pastoral indigenista para os agentes dos países latino-americanos em Cayambe, perto de Quito (Equador). Cerca de sessenta pessoas provenientes de catorze países da América Latina se encontraram refletindo sobre as experiências pastorais colocadas em comum. No curso salientou-se a necessidade de encontrar uma orientação comum para a pastoral indigenista no continente, evitando o isolamento das experiências pastorais. Foi, também, avaliada a importância de uma assessoria no campo dos estudos teológicos e das ciências sociais para o enriquecimento da reflexão sobre as práticas missionárias nos países latino-americanos.

Os xaverianos acompanharam a caminhada da pastoral indigenista no Brasil através das Assembleias nacionais e regionais do Cimi, e participando do processo que levou o Cimi a articular o setor de pastoral que respondesse à exigência de uma reflexão e de um estudo aprofundado da questão do diálogo com as religiões indígenas.

Em 1992, os xaverianos e as professoras que ensinavam na escola da aldeia Kayapó de Kikretum, prepararam um relatório da avaliação da prática missionária do diálogo religioso e da inculturação onde colocaram uma nota a respeito da divergência que existia na equipe em considerar a oportunidade de iniciar uma evangelização explícita e interagir na esfera do mundo do sagrado do povo Kayapó. Com efeito, a tensão entre uma presença de inserção no mundo indígena e uma ação de evangelização explícita caracterizou a atuação pastoral dos missionários xaverianos nas aldeias.

CONCLUSÃO

Em Medellín os bispos da América Latina procuraram contextualizar os novos princípios teológicos e pastorais do Concílio Vaticano II. Esse clima de renovação eclesial teve suas repercussões também na ação pastoral junto às populações indígenas des-

te continente. No Brasil, a fundação do Cimi foi o marco da mudança da prática dos missionários junto aos índios e da reflexão teológica sobre o diálogo com as religiões dos povos indígenas e da inculturação do evangelho no mundo sagrado desses povos.

A década dos anos setenta foi o tempo em que os xaverianos chegaram à Prelazia do Xingu e envolveram-se na atividade pastoral indigenista. A atuação seguiu duas vertentes: um compromisso direto com os índios presentes no território e uma atividade de conscientização e animação missionária da Igreja local. Essa postura dos xaverianos de um lado reforçou a autoconsciência eclesial da Prelazia do Xingu a respeito da sua missionariedade abrindo-se sempre mais ao diálogo com as culturas indígenas, por outro, os mesmos xaverianos beneficiaram-se desta abertura missionária da Igreja do Xingu.

Percebeu-se claramente como o fortalecimento da equipe indigenista da Prelazia não provocou “uma pobreza pastoral”, mas foi um dos estímulos para a caminhada e o amadurecimento da fé das comunidades cristãs. Por isso que a presença permanente nas aldeias da comunidade das irmãzinhas de Jesus (Assurini) e dos xaverianos (Kayapó) revelou-se uma fonte de crescimento eclesial do povo de Deus da Prelazia do Xingu.

A missão dos xaverianos na pastoral indigenista caracterizou-se por esta dupla dimensão: a local, processo pelo qual os missionários procuraram entrar em sintonia com o mundo cultural da comunidade Kayapó e a dimensão-macro da contextualização, na qual os missionários conheceram experiências pastorais no mundo indígena da América Latina partilhando uma espiritualidade que “pairava” na Igreja deste continente e que tinha sua inspiração e fundamentação no mistério da encarnação. Uma espiritualidade que tinha suas raízes no Concílio Vaticano II e que nas Conferências do episcopado latino-americano recebeu suas feições típicas deste continente.

No Brasil, no âmbito eclesial, eles acompanharam o caminho da pastoral indigenista da Igreja participando do Cimi. A obra de sensibilização da Igreja do Brasil à causa indígena conduzida pelo

Cimi, a eleição de dom Erwin Krautler, bispo do Xingu, ao cargo de presidente desta entidade e a consciência da necessidade de uma inserção numa comunidade indígena Kayapó, foram elementos que concorreram para o início da experiência xaveriana de vida inserida nas aldeias.

Na Prelazia do Xingu, os xaverianos procuraram viver a dimensão da encarnação procurando eles mesmos dar um testemunho de inserção no mundo indígena e ao mesmo tempo dedicando-se à animação missionária da Igreja local para que o diálogo com os povos indígenas, suas culturas e religiões fosse sempre uma das prioridades pastorais.

Nas aldeias Kayapó, os xaverianos começaram a inserir-se na vida cotidiana dos índios. Um processo que iniciou no microcosmo da comunidade, na partilha das tarefas comunitárias do dia a dia, na participação das festas, nas relações interpessoais marcadas pela gratuidade e pela acolhida do outro e, sobretudo pelo gradual conhecimento do mundo sagrado da cultura Kayapó.

A riqueza dessa cultura, aos poucos, desvelou-se diante dos olhos dos missionários. A convivência entre os índios os capacitou a ler os sinais da presença de Deus entre eles. Foi o tempo do “encantamento” do missionário para com o povo Kayapó.

No entanto, a proximidade existencial dos xaverianos com a comunidade indígena possibilitou um processo pelo qual a solidariedade tornava-se um apelo para que os missionários participassem da história dos Kayapó. Apesar de localizar-se longe dos centros de poder, foi nas aldeias que se manifestaram de maneira tangível os efeitos desastrosos das decisões políticas e econômicas: a poluição das águas dos rios, o desflorestamento descontrolado e, sobretudo a precariedade da saúde da população indígena Kayapó.

A luta pela defesa da vida ultrapassava os limites da Reserva Indígena Kayapó. Interesses nacionais e internacionais aliaram-se para a exploração das riquezas naturais da região. Somente uma solidariedade articulada com setores da sociedade nacional e internacional sensíveis à causa indígena podia enfrentar tal desafio.

A inserção na vida de uma aldeia Kayapò na remota região do Alto Xingu não relegou os missionários a uma vida isolada do mundo eclesial e dos acontecimentos da sociedade envolvente. Pelo contrário, acompanhando a vida dos Kayapò e compartilhando sua luta pela sobrevivência deste povo indígena participaram de momentos significativos da vida do povo brasileiro como foi o momento da participação dos índios à Constituinte de 1988 e ao Primeiro encontro dos povos indígenas do Xingu em Altamira em 1989.

A Igreja do Xingu, assumindo a pastoral indigenista, apoiou as organizações indígenas, cobrou do governo uma legislação indígena que preservasse os direitos desses povos, manteve informada a sociedade envolvente e a CNBB a respeito das invasões de terras indígenas e da dizimação de povos por causa do descaso das autoridades. Os xaverianos junto aos Kayapó facilitaram o encontro entre suas lideranças, como também, a participação delas nas organizações indígenas regionais e nacionais. Os Kayapó, conhecidos e temidos pela sua belicosidade, experimentaram que na luta pela vida era fundamental a organização e a articulação de alianças.

Hoje, será que tem ainda um sentido a presença missionária entre este povo indígena? As forças do poder econômico não desistirão facilmente de seus projetos de exploração selvagem dos recursos que se encontram nas terras dos Kayapó. Constantemente surgem novos desafios à sobrevivência deste povo indígena que exigem respostas novas a serem encontradas a partir da sua cultura. A experiência do período analisado neste trabalho aponta a importância da continuidade do processo de inculturação que se dá a partir da inserção na vida da comunidade indígena. Através da inserção nas aldeias indígenas e pelo envolvimento nas questões da terra, da cultura e do diálogo inter-religioso, os xaverianos tocaram em pontos nevrálgicos do sistema econômico, político e religioso da sociedade envolvente. Aparece no horizonte o desafio que diz a respeito da dimensão mais íntima de uma cultura: o mundo do sagrado. Será que chegou o momento dos missionários partilharem, além das lutas pela vida, também a fé de uma maneira explícita?

Este ensaio aponta a inserção dos xaverianos no microcosmo da vida de uma comunidade Kayapó como ponto de partida de uma prática missionária. Uma prática que visa seja o protagonismo de povo indígena na condução de sua história tornando-o parceiro responsável de um projeto alternativo de sociedade, seja a animação da Igreja para que viva a sua dimensão missionária através da pastoral indigenista engajando-se sempre mais no desafio do anúncio explícito aos índios do evento Jesus Cristo.

BIBLIOGRAFIA

KRAUTLER, Erwin. “Nosso compromisso com os povos indígenas da Prelazia do Xingu”. Altamira, 12 de setembro de 1983. Pasta: Histórico da Prelazia. Mimeo (Arquivo do Centro de Pastoral).

KRAUTLER, Erwin. “Avaliação da ação pastoral da Prelazia do Xingu (1983-1986) e previsão”. Altamira, 07 de outubro de 1986. Pasta: Assembleias. Mimeo. (Arquivo do Centro de Pastoral).

LEITE, Arlindo. *A mudança na linha missionária indigenista*. São Paulo, Paulinas, 1982.

PRELAZIA DO XINGU. “Índios nossos irmãos”. Em Prioridades de ação pastoral: 1984-1986. Altamira, 7 de abril de 1985, p. 35-45. Pasta: Cartilhas. (Arquivo do Centro de Pastoral).

PRELAZIA DO XINGU. “Segunda Assembleia do povo de Deus da Prelazia do Xingu: Histórico”. Altamira, 1989. Pasta: Assembleias. Mimeo. (Arquivo do Centro de Pastoral).

PREZIA, Benedito. “A história da missão junto aos povos indígenas: 1939-1995”. São Paulo, jul. 1995. Mimeo. [Ensaio apresentado em ocasião da IIª Conferência Geral da Cehila, São Paulo, jul. 1995].

SUESS, Paulo. *A causa indígena na caminhada e a proposta do Cimi: 1972-1989*. Petrópolis, Vozes, 1989.

TREVISAN, Renato. “Pastoral Indigenista na paróquia de São Félix do Xingu”. São Félix do Xingu, 29 de dezembro de 1985. Pasta: Cimi. Mimeo (Arquivo do Centro de Pastoral).